

CHRONICA HEBDOMADARIA

PUBLICA-SE

AOS

DOMINGOS

# O JORNAL O MUNDO O JORNAL O MUNDO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE  
31 Rua do Evaristo da Veiga 3

1878



# O TELEPHONE

CHRONICA HEBDOMADARIA

DAS

LETRAS, POLITICA, ARTES E COSTUMES

TOMO IV. — N.º 4. — I VOLUME

Quinta-feira 6 de Junho.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE

3 Rua do Evaristo da Veiga 3

1878



# O TELEPHONE

CHRONICA HEBDOMADARIA

DAS

LETTRAS, ARTES POLITICA E COSTUMES

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS



Esta publicação, unica em seu genero, constará de um libreto de 32 á 40 paginas in-16, nitidamente impresso em optimo papel, contendo além de diferentes artigos criticos, litterarios, satiricos, burlescos, humoristicos, poeticos, etc , tambem romances e dramas, tanto nacionaes como traduzidos, formando um volume mensal de nunca menos de 130 á 200 paginas, o qual será augmentado segundo o progresso da empreza.

## Preço das assignaturas

### CORTE E NITHEROHY

|                |        |
|----------------|--------|
| Anno.....      | 4\$000 |
| Semestre.....  | 2\$000 |
| Trimestre..... | 1\$000 |

### PROVINCIAS

|                  |        |
|------------------|--------|
| Anno .....       | 5\$000 |
| Semestre.. ..... | 3\$000 |
| Trimestre.....   | 1\$500 |

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda e qualquer correspondencia concernente á esta empreza pode ser dirigida para esta typographia com endereço á redacção.

## O TELEPHONE

---

Ha muito que somos leitor constante de um interessante livrinho que se publica em Portugal. E' elle as *Farpas*, outr'ora redigido pelo Sr. Eça Queiroz e Ramalho Ortigão, e hoje somente pelo segundo d'estes doux senhores.

E' esta, talvez, uma das publicações mais importantes que ora possue Portugal, e que maiores serviços tem prestado á causa publica e aos interesses nacionaes d'aquelle paiz.

Em o volume correspondente ao mez de Janeiro, encontrámos algumas paginas que nos merecerão especial attenção ; referem-se á uma pleiade de vultos colossaes, que a fouce lampante da morte, prostrou por terra, privando a humanidade de tão grandes luzeiros,

São elles : Raspail, a força do trabalho, no dizer do escriptor ; Courbet, a força da inspiração e do patriotismo ; Victor Manoel, o rei demo-

crata, o italiano liberal, José de Alencar, o princípio das let ras brazileiras e Augusto Soromenho, o trabalhador desventurado.

Cada um d'esses cidadãos, que encerrará em si um mundo, merecerão uma apreciação profunda e sincera do auctor das *Farpas*; e como tal- ver muitos de nossos leitores não tivessem ainda a occasião de esse apreciar grandioso preitorrendido á memoria delles, recommendamos-lhes a leitura e pedimos ao illustrado elaborador venia para transcrever aqui algumas d'essas sublimes páginas, já que o espaço que ora dispõmos não nos permite a transcripção de todas.

Ahi vão ellas, que os nossos leitores tome-as na divida consideração.

...

.....  
 « A morte de José de Alencar, o auctor do *Guarany* e de *Luciola*, representa uma das maiores perdas para a litteratura brazileira, tão notavel nos ultimos tempos pela cooperação dos seus poetas e dos seus pensadores.

« Na sociedade do Brazil, que o principio da es cravidão desviou por tantos annos tenebrosos do seu destino e do seu desenvolvimento natural, a organisação moderna do trabalho livre é ao mesmo tempo a creação de um novo elemento social—o povo.

José de Alencar, romancista, poéta, jornalista, tribuno, influenciando poderosamente o seu tempo pela penna e pela palavra, era a imagem synthetica d'esse poder que se chama a Plebe, que procededa lama, e decide da sorte dos imperios.

Elle, que alcançára um dos mais luminosos lugares entre os homens mais celebres e mais prestigiosos do seu tempo, sahira do esgoto da cidade, procedera da roda dos expostos.

Esse engeitado era a personalisação mais gloriosa da soberania do trabalho affirmando elle mesmo o direito, desembainhando no throno da arte a sua larga espada de justiça, vestindo a tunica e a dalmatica azul, calçando as esporas de ouro nos coturnos bordados de lizes, e fazendo-se ungir e sagrar pelas maldições como os antigos eletores do senhor. E era a elle, como a todo o artista victorioso e triumphante, que se deveria dizer como Samuel ao rei Saul : « Deus te elegeu para reinar sobre a sua herança para livrar os povos das mãos dos seus inimigos. »

.....

---

## PIPAROTES

---

Já se vio um paiz onde mais se falle e gritar-se *ex-abrupto*, que este nosso ?

Não ha nenhum outro !

Não marca o calendario um só dia em que não ouça a gente os clangores de mil bosinas anunciando em lá maior a carencia de instrucção!...

Oh ! mas como comprehendere-se tal anormalismo, tal balburdia ? ! Se se tem gasto tantos rios de dinheiro com semelhante cousa ! se se tem feito os maiores prodigios !...

E' monomania, não ha que ver ! Os brazileiros, esses simios de todos os dias, parece que comprehendem que uma vez que se tem lingua, deve-se fallar !...

E ninguem os afasta d'ahi ; dão por páus e por pedras que é um gosto ver-se !...

Mas investiguemos isso ; ponhamos as cousas em pratos limpos : Temos ou não temos instrucção ?

Muitas vozes nos respondem; porém nenhuma d'ellas nos satisfaz.



Quando se apresentou ao paiz o sabio gabinete 16 de Julho, mais de mil olhos voltarão-se alegres para o Sr. Paulino o *liader* d'aquella situação e a quem coube por sorte a pasta do Imperio. Posto que S. Ex. não se recommendasse muito por seu physico, que na phrase dos Saturnos da terra, não tem os mesmos attractivos do do Sr. Leônicio de Carvalho, o—menino Jesus da actual situação—sem embargo, possuia outros titulos mais nobilitarios, senão tão valiosos, era chefe do partido conservador, no Rio de Janeiro, grande illuturação; grande talento; grande orador, grande em tudo enfim... e para tal gigante o que podia ser umas nugas?

S. Ex. metteu hombros á empreza... começou a estudar os melhoramentos de que careciaõ a instrucção do paiz... estudou... estudou muito... e começou a trabalhar... Vastos horizontes são rasgados á ensino popular!...

E quando enfastiado de tanto trabalhar, atirou para o lado a pasta e a farda, entrando por uma porta, sahiu por outra, mandando El-rei, não contar outra; mas chamar a outro que continuasse a sua obra.

Cousa facilima! No Brazil será difficil encontrar quem queira sér ministro, porém quem o saiba sér, não falta.

E por ventura custará muito o saber-se carre-

gar uma pasta; fazer olhos de fiscal ás vontades de el-rei?

Não de certo,  
E' mais difficult saber-se ser homem que sor ministro

Veio, pois, o glorioso gabinete 7 de Março e lá coube ao Sr. João Alfredo a abencoada pasta da instrucción.

O illutre director da Faculdade do Recife; o digno substituto do Sr. Camaragibe, disse com seus botões, como diz Mlle. Rose Villiot, na *Maria Angú*:

— « *Olhem que eu sou franzino : mas aguento repuxo.* »

E se bem o disse, melhor o provou.

S. Ex. agarrou de uma clava e nada deixou de pé!

Erguerão-se palecetes por todos os lados; edificou-se a ESCOLA DA GLORIA, esse mimoso presente de um humanitario senhor chamado governo, ao povo, um pobre coitado; inaugurarão-se as optimas conferencias do Sr. Correia; forão promulgadas leis e a instrucción, sempre de nós foragida, veio habitar comnosco, offerecendo-nos constantemente optimos banquetes.

E, para *coronat opus*, tivemos ainda as reformas do Sr. José Bento.

Diminuiu-se os honorarios dos professores; pôz-se ponto final em uma escola normal de iniciativa particular, etc. O que querem mais?

E' muito exigir.

Diga-se a verdade, nenhuma razão têm esses que nos atordoão os ouvidos clamando por aquille

que possuimos em larga escala; por aquillo que temos de sobra.

E seria possivel que um paiz, cujo chefe é o **rei** dos reis em sabedoria, não possuisse a mais ampla instrucção? Seria admissivel que um povo catolico apostolico romano, estivesse baldo de ensino, quando tão amante da intrucção é a santa madre Igreja?

**Não** de certo.

Instrucção não nos falta; o que nós não temos é isso que se chama—juizo.

Somos todo uns idiotas; uns desmiolados!

Dizer-se que não ha instrucção em um paiz, onde os doutores constituem legiões; onde os prelectores formão enchames; onde os conferenciadores os publicistas os folhetinistas, os poetas, os estadistas, os politicos, os *sabichões*, surgem á luz do dia em myriades, é dizer-se que o Sr. Andrade Pinto não é um sabio ecconomico ou que o Sr. Tito de Mattos não é um sublime successor do immortal Siqueira!...

O Brazil, é hoje a terra da sapiencia!...

A instrucção já não é um mytho, deixe-se lá fallar, é uma realidade! Tão palpavel como a energia a equidade do actual ministro da fazenda—o novo Scipião... nas cifras.

Deixem-se, pois, de declamações esses senhores que, dizendo não termos instrucção, lavrão contra si proprios uma condennação tacita.

Contenham-se, não obriguem os activos e moralizados subdelegados da actualidade leval-os á assignar termo de bem viver.

Dizer o que não é verdade, tambem é um acto reprovado e digno de severa punição.

Muito grandes, immensos, devem ser os peccados dos filhos do norte, para que tão castigados sejam!...

Já não é só a fome, a peste e a sede que persegue esses pobres concidadãos! Novos flagelos estão victimando-os! Em cada uma das inditosas províncias, lá está a politica a fazer proezas!...

Os liberrimos liberaes, aquelles cordeirinhos de hontem, lá erguem a grimpa e passão á lobos famintos!

Elles, que tanto fulminavão a prepotencia, a arbitrariedade, lá seguem *paripassu* os seus adversarios! Ah! grandes maganões que são elles!...

Gritavão por que querião estar montados!...

E os pobres nortistas, aquelles que, na phrase do Sr. D. Antonio estão pagando os nossos pecados, além de tantos carrapatos, ainda suportão sobre o corpo exangue essa immensa sanguessuga!...

E o que fazer?

Não ha nada como o ser-se filho de um paiz onde ha um rei sabio; de um paiz onde ha bispos piedosos, como o Sr. D. Antonio; de um paiz onde ha ministros ecconomicos e justiceiros; de um paiz onde ha liberaes e conservadores, isto é, onde ha Scyllas e Carybides!..

A província da Bahia, aquella que tranquillamente ia vivendo com os seus saborosos vatapás

e apimentadas *moquecas*, lá está, coitada, agitada e sobresaltada como a fluminense esposa de politico, morador na freguezia do Gloria, em dia de eleição!...

E' tudo tumulto; é tudo motim!

As officinas fechão-se; o commercio paraly-sa-se, a industria cruza os braços!...

E tudo porque?

Os politicos da terra representão a farça da reunião da Assembléa Provincial!...

Os melhores comicos das *troupes* liberal e conservadora annunciarão tão pomposamente esse espectaculo, que a provincia inteira abandona os seu a fazres para accudir ao theatrinho do Assembléa Provincial!

E que scenas! que episodios magnificos?...

São verdadeiros bufos os taes senhores da Assembléa provincial da Bahia.

Já lá ninguem se lembra de trabalhar: querem todoss vêr o desenlace da apparatosa força!...

O principal comico yoyo Dantas tem estado impagavel com os seus rasgos de liberalismo!... E pudera não! A cadeira do senado cá está esperando-o e... é preciso ser bem engracado.

Supportem os nortistas todos esses flagellos té que a divina providencia haja por bem lembrar-se d'elles!

E é impossivel que ella, tão sollicita em ouvir os que chorão, haja por bem tomal-os sob o manto protector, mão grado as prophecias do Sr. D. Antonio!

## **Liberalice Academica**

---

Temos á vista o n. 2 do *Liberal*, orgão do «club liberal academico» de S. Paulo.

E' um *fervet opus* de artigos. Applaude-se a apostasia do Sr. Lafayette, ao som da flauta do Lulú chefe de redacção.

Ao desdobrar a ultima pagina deparámos com uma *secção livre*: é uma lição de constitucionalismo de *graça* ao Sr. Graça (que não conhecemos); um pouco de pimenta nos labios da *República* do «club academico», depois de lhe ter dado um grão de assucar; e, afinal, conclue a miscellânea com um *espirro* em sessão do «club ultramontano», e uma *degringolade* ao *Apostolo*.



Tem *graça* o *Liberal* do Lulú academico. Queima incenso ao rei ao mesmo tempo que diz ser a *República* (jornal ou governo?) a *suprema aspiração dos povos*. (!)

Tudo pode ser, mas dizer-se que a *República* é a *suprema aspiração dos povos* ao mesmo tempo que diz ser—*aspiração impossível*—é contradição manifesta. Mas, como é escripto com ares de ga-

Ihofa, tomemos do *Liberal* a sua secção livre e atiremos no caixão tradicional das *liberdades monarchicas*.



O *Liberal* a primeira vista parece-nos pedagogo, mas deixando cahir sobre suas columnas um punhado de racciocinio embrulhado em uma capa de bom senso, nada tem razão de ser.

O Lulú com certeza desnorteou-se : esqueceu-se que foi alumno do nosso respeitavel philosopho o Dr. Lacerda Coitinho.

Pois o Lulú, republicano em preparatorios, é liberal na Academia?! O que será depois de formado?...

Em todo caso antes o Milagres que, segundo consta-nos, já não faz parte do «club constitucional», e parece-nos que a sua demora no «Liberal (club) será de pouca duração.

Ao menos este já se sabe... é viajante...

E d'ahi... «mudar é progredir...»



## NOTICIAS

---

Muitos dos nossos leitores, queixarão-se amargamente da irregularidade havida na apparição do nosso numero 3. Relevem a falta que não foi peccado nosso ; mas sim do impressor, que sendo adepto do *Apostolo*, fez-nos a desfeita de não querer imprimir, em dia certo uma *moxinifada* que nem ao menos respeita aquelles que se recommendão pelo seu desinteresse e por seu abdómen,

Provavelmente o bom do homem temeu alguma excommungão maior.



Somos informados de que o illustre commer-ciante d'esta praça o Sr *Cruzeiro*, acha-se affec-tado de anemia *conquibusletica*. Será exacto ?



Sabemos, por pessoa fidedigna, (um sachristão)

que o *Apostolo* vai publicar em folhetim o *Crime do Padre Amaro*, de *Ecá de Queiroz*, commentado pelo Reis Patusco, ex-redactor do *Cabrion*, de S. Paulo.

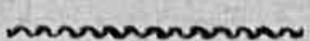
Nossos parabens aos leitores do orgão suino.



Consta-nos que as reclusas do convento d'Ajuda vão ser baldeadas para o convento dos Capuchinhos, no Castello ; a ser exacto, é um dos actos dignos de louvor praticado por quem o pôde fazer.



O Tinoco está improvisando uma ode consagrada ao Hudson, para ser recitada no dia da volta do pápá Leonardo.



## VARIEDADES

---

### No Parnaso.

( QUESTÃO ROMANTICO—REALISTA. )

Basta de discussão, illustres companheiros;  
Ha lugar para todos : romanticos, Junqueiros,  
Todos cabem aqui no templo de Apollo.  
Nada de presumpções ; irmãos, o mesmo solo  
Podem todos pisar.

Bardos do realismo,  
Eu nunca vos julguei escravos do egoismo ;  
Se tendes por pharol o grande Ideal—Justiça,  
Se amais a liberdade e quereis vêr submissa  
A Idéa—Velha á Nova d'explendente infancia,  
Primeiro sacrificai no altar da Tolerancia ;  
A vossa Deusa o ordena, ordena-o a Igualdade  
E volta-vos a face o sol—Fraternidade.  
Se amais a evolução pacifica da idéa,  
O guante abaixai que quem esbofetêa  
Um velho de alvas cans, embora do futuro  
As leis possa dictar, merece um esconjuro,

A maldicção, o horror das noites tenebrosas,  
 O remorso que punge as almas ulcerosas.  
 O respeito á velhice é maxima divina,  
 Surge depois da treva a aurora matutina,  
 Ha perolas no lodo, ha carceres com luz ;  
 Já brilhos derramou, fulgôres brotou a flux  
 Um ignobil madeiro,—ergastulo degradante  
 De sanguento suppicio, horrivel, infamante.  
 Ahi morreu o justo ao lado do ladrão  
 Tendo no seio a paz, nos labios o perdão ;  
 E foi elle, o bom Christo, o apostolo superno.  
 O placido fundador do bello Ideal—moderno.

Bardos da nova seita, ha lumes no passado,  
 Dia virá tambem em que será fanado  
 O perfume da flôr que agora abre a corolla.  
 E há-de-se transmudar a vossa *mixta* Escola.  
 —Sois a transformação apenas de uma larva  
 E, pois, não alcunheis a velha escola :—Parva !  
 —Da alma é o écho meigo, sentimental, divino,  
 Tão puro como um astro, lucido com um hymno,  
 Candida, perfumosa, explendida e gentil  
 Como um canto de amor e uma manhã de Abril.

O que quereis, senhores? — Eu não entendo bem,  
 Romanticos vos vejo e lyricos tambem.  
 Decantais, é verdade, o grande esforço hodierno;  
 As manfestações do espirito moderno,  
 Mas não deixaste, eu creio, absolutamente,  
 De, com phrases de amor, de uma paixão ardente,  
 As — *Ellas* — decantar na época actual,  
 Quando d'ellas fazeis o magico phanal.  
 Os lyricos tenho visto em deslumbrante arroubo  
 Animando o progresso e soletrando ao povo

A explendida lição dos novos Evangelhos,  
 Fazendo-o abandonar os preconceitos velhos  
 E encarar de frente os brilhos do futuro,  
 Fitando, audacioso, um sol mais bello e puro.  
 Não será, julgo eu, mostrando as podridões  
 Que tudo mudará, pois nascem as infecções  
 Dos monturos, dos vermes, das couzas vis, leprosas,  
 Das syphilis bestiaes, nojentas, verminosas,  
 Das pustulas sangrentas, da lama, das sentinas,  
 Do beijo ascoso e frio, do amor das concubinas.  
 —Prefiro o casto albergue á orgia do palacio,  
 O livro de *Saint-Pierre* aos contos de *Boccacio*.  
 Abandonaste, acaso, os bons deslumbramentos,  
 Já não amais, sequer, os ideaes momentos  
 Em que podeis estar ao pé da bem—amada  
 De beijos enastrando a sua tez nevada,  
 E ouvindo de amor umas palavras puras  
 Que n'alma vem cahir bem como das alturas  
 O orvalho chrystralino a reviver a flor ?

Se adorais o que é bom, se conhecéis o amor,  
 Se os outros, mais que vós, vivem do sentimento,  
 Tem um mundo mais vasto o que p'r'o pensamento,  
 P'r'as justas do talento, as lutas da razão,  
 De preferencia a ouvir a voz do coração,  
 Fadados já nascerão e, pois termine a guerra  
 E toca a trabalhar por plantar na terra  
 A arvore gigante,— o tronco — Liberdade,  
 O iriante phanal da audaz Humanidade.

Basta de discussão, espadas na bainha.  
 Azevedo, Junqueiro e Anthero do Quental,  
 Não vêdes que a questão vos fica a todos mal ?  
 —Deixai o Luiz de Campos á luz do sentimento

Ir cantando o amor, a brisa, o mar, o vento;  
 Brilhos dos olhos d'ella, a sua voz, a falla,  
 Da casa em que ella habita a atapetada sala,  
 Tudo o que lhe pertence e faça mil sonetos,  
 Logo que lhes não faltem os ultimos tercetos.

E nada de questões no templo da poesia,  
 Eu mesmo inda hei—de entrar ahi um bello dia  
 Se o quizer Apollo e os meus compatriotas  
 Me deixarem subir sem chascos e risotas.  
 Ao trabalho, portanto, ó vós do romantismo,  
 Nada de ocio tambem, senhores do realismo,  
 Aos poetas pertence a lucida vanguarda ;  
 —Phalange do porvir, ó legião galharda,  
 Convém que do futuro os dias perlustreis,  
 —Só na paz do labor vós todos

*Luzireis.*

### Thiers.

Era um Golias—A morte . a funda do rei biblico  
 Um tumulo abrio-se na terra  
 Um berço desabrochou no Céu.  
 Morres Thiers:—um homem  
 Nasceu Thiers:—um immortal

SILVA JARDIM

• •

A França chamará por elle nas suas horas de  
 afflicção, como o naufrago por Deus, nos derra-  
 deiros transes. Tal era elle !

LEACADIO L. DA SILVA.

Era um homem. Sim, porque ha *homens* e *homens*. Diogenes perante elle e inutilisaria a lanterna. O seculo foi o Diogenes d'esse homem. Ficou extactico : a contempla-lo.

VALENTIM MAGALHÃES

S. Paulo.

---

### Fragments de um livro.

As irmãs de caridade,  
Essas bruxas simuladas,  
São os deglóos das escadas  
Por onde sobem a medo,  
Cautelosos ; disfarçados,  
Os grupos dos *renegados*.

....., ....., ..

E' feitura de Satan  
A caridade que exercem ;  
O premio que ellas merecem,  
Nós bem sabemos qual é ;  
— Mulheres aventureiras,  
Raça de vis embusteiras !

.....

### Cousas... de Uerba.

N'uma janella de um claustro  
um sacristão repimpado,  
s'espraiva em prosa e verso  
com o seu bem muito amado!

Era este uma crioula  
de um taverneiro pernêta,  
que acudia ao namorado  
ao badalar da sinêta!

Era de noite, o sacrista  
dava um beijo na crioula!  
— *Zôia lá só Zeferino...*  
— Ora qual, não sejas tóla!

N'isto apparece o abbade,  
com seus passos de *fradesco*!  
que mirando o seu sacrista  
o achou bem *pittoresco*!

— O que ó isto, seu acolito?  
*Abrenuncio?* céu bemdicto!  
— 'stou convidando a entrar  
o sr. sâo Benedicto.

—————  
— Toma um tostão, Michaela,  
vai na pharmacia Vieira,  
me comprar *sál amoniaco*  
p'ra curar esta tonteira.

E a *cassanje*, sahe, rezando  
o tal remedio pedido,  
quando dá grossa topada...  
fazendo grande alarido !.

— *A óla como hade sé,*  
*quasi pedra mi dà cabo ?*  
*já nô lembra di remedio !*  
*aóla, si... qui diabo!*

Chega á botica, chorando,  
diz ao caixeiro: — *sô chico,*  
bôta ahi n'esse vidrinho  
*um tutão de sum tunico!*

---

### CHARADAS.

- 1—1—a primeira repetida é animal chinéz.  
2—2—O Commandante de turcos com ca-  
chimbo é um homem.  
1—2—Este arbusto vai ao jury por andar  
no mar.

*Um alho.*

---

# OS HOMENS-FERAS

---

I

(Continuação.)

## FLORESTA DE CHANTILLY

O nome de Chantilly traz á mente mil recordações feudaes. De um só jacto reune a memoria a lista dos senhores d'esse dominio, desde os antigos Bouteillers de Senlins, até ao ultimo principe de Condé.

Percorrendo á noite as extensas alamedas da floresta, o homem pensativo pôde ainda invocar as sombras dos Guy, d'Orgimont e Montmorency o veado brame ainda como outr'ora no fundo das moutas, e o vento geme com doce murmurio por entre a folhagem.

A estrada de Paris á Chantilly é uma das mais bellas que pôde cobiçar o *gentlement* viajando em

berlinda para afugentar os seus pezares. Por toda a parte a vista encontrará horisontes azulados onde se destaca a frécha bronzeada de um campanario ; por todo os lados prados e florestas desenrolão seus lençóes de relva que avelludão as variaveis alternativas da sombra e da luz !

Por entre esses bosques, esses prados, essas colinas, rios e regatos, serpeão seus caprichosos zigs-zags de prateadas ondas. Os carvalhos da floresta estendem ate á beira da estrada seus troncos nodosos, e os rochedos mostrão á flôr da terra seus cinzentos e musgosos ossos.

Debalde procuraria o poeta, em todos os cantos da França, sitios mais inspiradores do que Senlis, Chantilly, Monte Fontaine e Ermenville ! O pintor não encontraria outros mais poeticos.

E, d'ahi, nunca o genio humano identificára-se tanto no seu modelo. Dando-lhe a natureza visivel e praticaval , deixou-lhe a selvageria nativa, respeitando-lhe portanto todas as suas energicas bellezas. Era uma altiva Amazona que, despojada de sua armadura, expunha-se aos olhos de todos sem que o percebesse.

Ah ! os grandes artistas e fidalgos que sacavão esse Edem dos paúes infectos, jamais pensarião que os fanaticos da Republica e os guerreiros do Imperio cortassem com chuços os seus dominios antes que as inscripções amorosas fossem apagadas dos vestidos das arvores ; que pisassem com as botas de canhão n'essas alamedas onde o olhar poderia distinguir o sulco das ferraduras dos cavallos, e que respirassem o ar esses bosques onde perdurava, talvez por entre a folhagem, o olor deixado pelos cabellos de Maria Antonieta.

Estas illusões, que, pódem consorciar-se com

as sombras poeticas da noite, somem-se ao despontar d'aurora. O poste, sentinella immovel, ergue-se implacavel em cada encruzilhada do bosque, e vos mostra o caminho quando vos quizerdes afastar.

Peior será se vos approximardes da cidade. Deixando a *alameda dos leões*, chegareis á orla de um immenso prado : esse prado é, não o esqueçais, o *turf*.

Se o esquecerdes, volvei os olhos para a esquerda, e duas cascatinhas vos farão lembrar : alli reunem-se nos dias de corrida os espectadores privilegiados e os juizes.

Além d'isso, ainda mesmo que sejais *sportmann*, contratador de bestas ou nunca tiverdes deixado o abençoado campanario de vossa aldeia, dareis fé ao melhoramento da raça cavallar pelo *Jockey Club*. Se tendes tal opinião, não ides a Chantilly, vereis ahi miseros sendeiros, magros, montados por *grooms* impassiveis que passeiam preguiçosamente no prado. Para obter essas haconéas tão tristes, dão oito ou dez mil francos por anno a um homem cuja missão unica é nada fazer, E' o *engodo* : passa a vida em vêr andar *Loghomachia* ou *Commodore Napier* ; é elle quem lhes regula as refeições e os medicamentos ; porém, no fim de cinco ou seis annos o que sucede ? *Commodore* está esfalfado e *Loghomachia* aguado, tudo para melhoramento da raça caval- lar. Que importa ! ganharão premios avultados !

Ao lado do pançudo criador anda sempre o esguio corredor ; pais o *esport* tambem se occupa do aperfeiçoamento da raça humana.

No fim de oito dias o *Jockey* tem a cutis des-

botada, o nariz entumecido, o olhar amortecido, os tibios fantasticos, os flancos fundos, o peito concavo : elle triumpha.

Dizem em Chantilly que um corredor levado pelas circumstancias, fez-se emagrecer quatro kilogrammas em um dia : magnifico resultado.

O cavallo constitue hoje a aristocracia de Chantilly : tem a sua genealogia, e tratão-o com as atenções devidas a sua posição. As estribarias parecem um castello e este semelha-se áquella.

A revolução destruiu quasi todo o palacio ; mas respeitou a estribaria, a revolução já presentia o *Sport*, Em uma palavra, todos os ridiculos que engendra a anglomania desfiguráraõ Chantilly : as aprendizes de costureira das fabricas sabem dizer : *good night*, e as moçoilas da rua de São Jorge vêm duas ou tres vezes por anno divertirem-se ahi. Não ha ninguem que não saiba a historia na ponta da lingua, que não cite obras para consultar e que não venda champagne e vinho do Porto.

Este bello sitio só perdeu sua apparencia risonha em 1832.

Antes dos dias de Julho, Chantilly estava ainda em todo o seu explendor.

Em vez de *grooms* e corredores encontrava-se a libré do principe de Condé. Os Santos Huberto do velho fidalgo tinhão um brilho diverso do das corridas modernas. As altas personagens ahi se reunião ao lado dos leões da moda parisiense. Além disso, convocavão para a caçada toda a nobreza e burguezia dos arredores. Os habitantes, attrahidos por essas esplendidas reuniões, derramavão-sõ pela floresta, seguindo a caçada de longe.

A mais notavel, emprehendida por esse velho principe, está ainda na memoria dos Nemrod, hoje illustres anciões que n'ella tomarão parte.

Essa caçada teve lugar em um bello dia do mez de Maio de 1839.

Em tal razão, a caçada do veado offerece uma difficultade, que não é destituida de attractivos.

O animal não vem apascentar-se na mata senão á tarde e de manhã, de modo que é preciso ir buscal-o em seus escondrijos.

Tinha revolvido os estercos, posto os cães de alcatéa desde a madrugada : mas os caçadores não se puzerão em marcha senão depois do almoço, afim de effectuar a carniça ao sol posto.

Effectivamente, fôra agarrado muito tarde, porquanto já o sol descambava por detraz das collinas que protegem os campos de Verneuil, e ainda os toques guerreiros de morte não tinhão soado no fundo dos bosques.

Os passeiantes escasseavão pouco a pouco ; os mais curiosos tinhão-se dirigido para as lagôas de Commelle, onde quasi sempre o veado é preso.

As longas alamedas das floresta, um momento antes relectas de visitantes e ruidosas, reentrarão em sua solidão. As arvores verberadas pelo sopro da briza da tarde exhalavão activos e penetrantes odôres. O sol dourava os verdejantes espinhaços dos bosques. Nos pontos mais elevados, via-se os horisontes confundirem-se com o céo de matizes indefinidas. Não se ouvio mais canções nem gritos ; só o clangor longinquo da trompa ou os latidos do sabujo despertava o écho adormecido dos rochedos.

Em uma alameda afastada do centro da caçada e chamada, não sabemos porque, *Alameda da me-*

*nina morta*, tres personagens caminhavão a passos lentos. Erão um velho e duas moças. Levara-os alli, mais o prazer do passeio que a curiosidade, pois não se apressavão em chegar ás lagôas. Um ar tepido perpassava pela côma das arvores e a relva estava macia.

As duas moças soltavão a cada momento o braço do ancião que lhes servia de cavalheiro para irem colher flôres silvestres, das quaes formavão um ramilhete.

A dourada giesta, o candido lirio, a mimosa margarida e a flôr sentimental de Hegesippo Moreau, tombavão uma a uma sob os seus roseos dedos. O velho as contemplava com um sorriso paternal no qual transluzia uma d'essas raras e immensas bondades, que parecem um reflexo da divindade.

Era um homem de estatura mediana e ainda de constituição robusta, posto que tivesse já cincoenta e quatro annos.

Suas feições, embora rudes e communs, mostravão sempre um tal ou qual vislumbre de delicadeza, Tinha longos supercilios e a boca de S. Vicente de Paulo, isto é, a sua amavel simplicidade. Sua fronte guarnecida de cans, offerecia sympathia humana e philosophia consoladora, cousa rara, desde que o sceptismo está em moda.

O bom homem trajava com singelesa e o conjunto do seu todo denotava uma posição abastada, ainda que humilde.

As duas moças que se apoiavão em seus robustos braços, erão tão desiguaes como a rosa branca da rosa encarnada.

A mais nova, uma flôr de desoito primavéras,

offertava na proporção das graças e do bello exacta semelhança com o ancião. Estas parecenças, que supportão a analyse e ferem todavia a todos, encontra-se diariamente.

Um poeta não teria encontrado mais gracioso e verdadeiro emblema para symbolisar essa interessante menina, que a suave corolla de uma pervinca.

O bom velho, a quem tambem não faltava poesia debaixo de sua apparencia modesta, tocado por essa semelhança, baptisára sua filha com esse nome, que dá ao espirito um vago perfume dos campos e das florestas.

Esse nome sorri bastante por si proprio para que seja necessario recorrer a arida descripção dos traços physionomicos.

Basta dizer que Pervinca possuia em profusão cabellos castanhos, cujos anneis cahião-lhe em ondas sobre o collo.

A outra joven era mais alta e esbelta ; douss annos accrescentados á idade de Pervinca, tinhão desenvolvido n'ella as riquezas da belleza feminal e arredondado algnma cousa o contorno fugitivo de seus traços.

Seus cabellos louros ondulados, cahião-lhe sobre o rosto oval com a graça um pouco austera das virgens byzancinas. Este simples penteado harmonisava-se com a altiva distincção de seu perfil e proporções elevadas de sua estatura.

Uma melancolia intima, fazia inclinar-se essa nobre fronte. Um pensamento tempestuoso empallidecêra aquellas faces lindas cuja polpa aveludada fôra tão bem animada ao menor rubor de carmin.

Um unico traço de distintivo e de excessiva raridade, animava essa physionomia elegiaca ; tinha as sobrancelhas pretas e quando os grandes olhos azues, rodeados de negras pestanas, erguião-se, sentia-se uma emoção difícil de expressar.

O contraste de cêra derramava sobre essa beleza tão limpida, um vivo carácter de originalidade.

Chamava-se Gabriella.

Raras vezes sorria ; mas então, dir-se-hia que era um raio dosol que dourava o seu angelico semblante e que um reflexo ia cahir sobre quem a contemplava. Toda a sua alma sorria em seus labios ; jamais nenhuma alma encontrou mais suave encarnação e mais transparente do que o corpo de Gabriella.

Os passeiantes deixarão a Alameda da menina morta para entrarem na Estrada do Condestavel. Esta alameda, do comprimento de uma legua, fôra aberta pelo Condestavel Anna Montmorency. Ella confinava com uma encruzilhada situada a Sudoeste do bosque. Alli tomarão um caminho diagonal conduzindo á Mesa Redonda, magnifico sitio de espéra de caçada, onde se ramificavão os doze caminhos da floresta.

Este passeio um tanto longo, ben depressa, fatigou a Gabriella. Perolas de suor humectarão-lhe o rosto e seu andar tornou-se vacillante. Pervinca, cujos olhos jámaiis deixarão os de sua compa-nheira, percebeu esse cansanço ; advinhou esse sofrimento e o que era necessario antes que fosse manifestado.

(Continua)

# O TELEPHONE

## CHRONICA HEBDOMADARIA

DAS

Letras, Artes, Politica e Costumes.

### AGENCIAS

Livraria de Seraphim Alves, rua Sete de Setembro n. 83.

A' Flôr dos Academicos, rua do Ouvidor (charutaria) n. 132.

Ao Accaso, rua da Lampadoza n. 2.

Typographia Fluminense, rua do Evaristo da Veiga n. 3.

Estrada de Ferro D. Pedro II, (livreiro.)

Largo de Catumby n. 35.

Kiosque Alliança, rua da Guarda-Velha.

“ Estrella da Felicidade, largo de S. Francisco de Paula.

“ Botanical, largo do Machado.

“ Ao Guerreiro Aymoré, largo do Paço.

“ Ao Chefe dos Aymorés, largo do Paço.

Fabrica de Cigarros Princeza, rua do Senador Euzebio n. 88.

A' Probidade, rua Vinte e Quatro de Maio n. 1 em S. Francisco Xavier.

**NUMERO AVULSO 100 RS.**